

CAPÍTULO 15

O GRUPO OPERATIVO DE PICHON-RIVIÈRE: UMA ANÁLISE DO PROCESSO GRUPAL NO FILME “PEQUENA MISS SUNSHINE”

Juliane de Oliveira Silva

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo abordar algumas das contribuições da teoria dos grupos operativos proposta por Pichon-Rivière através de um diálogo com a obra cinematográfica “Pequena Miss Sunshine”, realizando um recorte que busca identificar o processo grupal neste filme, bem como os momentos da tarefa. O filme ilustrou as noções de papel, porta-voz, bode expiatório e de líder, apontando quais personagens assumem estes papéis e em quais momentos. Algumas limitações em relação à teoria foram encontradas, mas estas dizem respeito à particularidade do grupo em questão, que como uma família, não se desfaz com a conclusão da tarefa. Também se tornou claro o caráter terapêutico do grupo operativo nesta família na medida em que os membros do grupo se tornaram mais flexíveis a partir uma ruptura de estereótipos e fortalecimento do Eu, bem como na dissolução de conflitos existentes entre os integrantes do grupo/família.

PALAVRAS-CHAVE: Grupo-operativo. Processo grupal. Família.

1. INTRODUÇÃO

Este ensaio tem como objetivo abordar algumas das contribuições da teoria dos grupos operativos proposta por Pichon-Rivière através de um diálogo com a obra cinematográfica “Pequena Miss Sunshine”, realizando um recorte que busca identificar o processo grupal neste filme, bem como os momentos da tarefa. Também serão ilustradas as noções de papel, porta-voz, bode expiatório e de líder, apontando quais personagens assumem estes papéis e em quais momentos.

O presente trabalho, ao refletir criticamente a respeito do processo grupal e dos momentos da tarefa em um grupo específico, a família Hoover do filme, proporciona uma oportunidade singular para se pensar as contribuições e limitações da teoria de Pichon-Rivière. Para tanto, faz-se necessário que os principais aspectos da teoria dos grupos operativos seja apresentada, seguida de uma breve contextualização a respeito do filme para facilitar o entendimento da análise que aqui está sendo proposta.

1.1 A concepção de grupos e o grupo operativo de Pichon-Rivière

Um agrupamento existe quando há um conjunto de pessoas que compartilham do mesmo espaço, com um objetivo comum, como por exemplo, esperando a chegada de um ônibus. Apesar destas pessoas não terem qualquer vínculo, a partir de uma relação afetiva e comunicacional, como um pneu furado, elas se tornam um grupo (FERNANDES, 2003). Um

grupo operativo, segundo Bleger (1980) é um conjunto de pessoas que tenham um objetivo comum e que trabalham em equipe para alcançá-lo.

Portarrieu e Tubert-Oklander (1986) apontam que este objetivo em comum sinaliza a necessidade de uma tarefa que seja realizada em conjunto para atingir o objetivo estabelecido e que esta tarefa é um organizador das interações que ocorrem entre os membros do grupo, sejam elas pensamento, comunicação ou ação. De acordo com Pichon-Rivière (1982), a tarefa possui dimensões explícita e implícita. A primeira se refere ao objetivo imediato do grupo, isto é, o trabalho a ser realizado, enquanto a segunda diz respeito à manutenção da coesão grupal e a superação das ansiedades despertadas durante a realização da tarefa explícita.

O conceito dos grupos operativos foi introduzido por Enrique Pichon-Rivière em 1957, através da “Experiência Rosario”, baseada na escola de Kurt Lewin, mas que contava com a inclusão de referencial teórico psicanalítico para interpretação dos processos grupais. A Experiência Rosario ficou famosa por representar uma importante mudança qualitativa na concepção sobre os processos de mudança grupais a partir de uma teoria integrativa que engloba a obra de Lewin, as contribuições psicanalíticas freudianas e kleinianas, as da psicologia social, da sociologia e da teoria da comunicação (PORTARRIEU; TUBERT-OKLANDER, 1986).

Para Fernandes (2003), os grupos operativos são aqueles que, com objetivos delimitados, proporcionam aprendizados e progressos aos seus membros, individualmente ou enquanto equipe, sendo em parte, terapêuticos, mesmo que não tenham essa finalidade a priori. O mesmo autor acrescenta ainda que a tática prioritária no grupo operativo deve ser a construção de um esquema referencial comum, para que sua estrutura deixe passe de estereotipada para uma com maior mobilidade de papéis. Segundo Saidón (1986), cada integrante contribui com seu esquema referencial e que partindo dos denominadores comuns destas participações é que o ECRO grupal se constituirá, e que aprendizagem do grupo se estrutura como um processo contínuo, oscilante e dinâmico, em que a maior heterogeneidade entre os membros gerará a maior homogeneidade da tarefa.

Bleger (1980) argumenta que o esquema referencial é o “conjunto de experiências, conhecimentos e afetos com os quais o indivíduo pensa e atua” (BLEGER, 1980, p. 67), e que a revisão e questionamento constantes do Esquema Conceitual Referencial Operativo (ECRO) grupal comum, mantendo-o dinâmico e plástico é imprescindível para a aprendizagem, uma vez que o estereotipado torna-se uma barreira no desenvolvimento da tarefa. Desta forma:

Não há diferença essencial entre aprendizagem e terapia na teoria dos grupos operativos, a diferença está somente na tarefa explícita que o grupo se propõe realizar.

O trabalho em si é uma abstração que não cura nem faz adoecer, o que cura, enriquece a personalidade ou faz adoecer são as condições humanas e inumanas que o trabalho é realizado, o tipo de vínculo ou relação interpessoal que se estabeleceu durante o trabalho (BLEGER, 1980, p. 62).

Berstein (1986) aponta que ao considerar a tarefa como a cura, os integrantes do grupo compartilhando um ECRO tem a possibilidade de reaprender, fortalecer seu Eu e superar a resistência à mudança. Assim, o sujeito é modificado pelo grupo, que realiza uma ação corretiva, enquanto transforma-se em um agente de mudança, pois os papéis passam de fixos e estereotipados a funcionais e operativos, permitindo que se assumam papéis complementares e suplementares. Tais papéis, avaliados em termos de pertença, afiliação, cooperação, pertinência, comunicação, aprendizagem e telê, os quais, representados na forma de um cone invertido, convergem como papéis ou funções para provocar na situação de tarefa a ruptura do estereótipo (PICHON-RIVIÈRE, 1982).

1.2 Os papéis

A dinâmica grupal é marcada pela assunção e abdicação de papéis pelos membros do grupo, em que cada um dos participantes constrói seu papel a partir da relação com o outro generalizado do grupo, entre o papel prescrito e o papel assumido, respondendo a representação de si mesmo e a representação da expectativa do outro (SAIDÓN, 1986). De acordo com Pichon-Rivière (1982), são quatro os papéis principais: porta-voz, líder, bode expiatório e sabotador. O porta-voz surge a partir da necessidade de denunciar um acontecimento relacionado a uma situação grupal. Descortinam-se então duas possibilidades: os demais integrantes enfrentam e resolvem os problemas ou assumem que esta dificuldade pertence aquele sujeito. Na primeira opção, o porta-voz se torna o líder e o grupo se torna cooperativo, mas no segundo caso, o porta-voz, ao não ser ouvido, se transforma no bode expiatório e no alvo de hostilizações sutis (PICHON-RIVIÈRE, 1982).

O sabotador surge quando o nível de ansiedade é tal que fugir da tarefa é mais agradável que completá-la. Então, ele apresenta outras necessidades que supostamente seriam mais importantes e tenta levar o grupo a seguir seus passos (SILVA; VILLANI, 2009). Os líderes podem ser classificados em democráticos, autocráticos, demagógicos ou laissez-faire. A liderança democrática se configura por uma relação líder/grupo em que os processos de ensinar e aprender formam uma unidade de alimentação e realimentação. O líder laissez-faire delega ao grupo sua própria gestão e assume parcialmente a função de coordenação e orientação. Na liderança de tipo autocrático, o líder utiliza métodos rígidos e diretivos, endossando uma relação de dependência e de resistência à mudança. Finalmente, o líder demagógico parte de uma

estrutura autocrática, aparenta democracia, mas que ocasionalmente atua como laissez-faire (SAIDÓN, 1986).

Partindo da observação de comportamentos grupais, Pichon-Rivière (1982) propôs uma escala de avaliação da dinâmica relacional. O primeiro grau de identificação com a tarefa e com o grupo é a afiliação, quando o membro do grupo se aproxima, ainda que com algum distanciamento. Com a pertença, ocorre uma maior identificação e integração grupal, permitindo a elaboração da tarefa. No momento seguinte, a cooperação representa uma contribuição, mesmo que silenciosa, à tarefa grupal. Em seguida, ao atingir-se a pertinência, o grupo se lança em direção à tarefa. Depois disso, a comunicação, verbal, pré-verbal ou gestal, se torna importantíssima para o processo de interação grupal. Ocorre ainda a aprendizagem, marcada por uma transformação qualitativa do grupo, acarretando criatividade, elaboração das ansiedades e adaptação ativa à realidade. Finalmente, o clima no qual o grupo se desenvolve, resultado de uma transferência positiva ou negativa para realizar a tarefa grupal, obtêm-se a telé (PICHON-RIVIÈRE, 1982; SAIDÓN, 1986; SILVA; VILLANI, 2009).

Na medida em que o processo grupal está caracterizado pelas relações interpessoais, a teoria dos grupos operativos subsidia o entendimento dos elementos mobilizadores das estruturas internas dos sujeitos, de forma que estes consigam superar suas dificuldades de aprendizagem e comunicação (SILVA; VILLANI, 2009). Assim, em um grupo no qual está operando, o sujeito revela através de comportamentos repetitivos interpretados como sintomas o seu mundo interno, construído pela internalização dos objetos e relações objetais, em uma tentativa de reconstruir a realidade exterior (PICHON-RIVIÈRE, 1982). Entretanto, no processo de internalização, o mundo externo é distorcido, resultando em um aspecto dinâmico de intersubjetividades dos mundos interno e externo (PICHON-RIVIÈRE, 1982; SILVA; VILLANI, 2009). Silva e Villani (2009) salientam que esta noção é utilizada para a conceituação de Pichon-Rivière para vínculo, definido como “uma estrutura complexa que inclui um sujeito, um objeto e sua mútua inter-relação com processos de comunicação e aprendizagem” (PICHON-RIVIÈRE, 1982, n.p).

1.3 A resistência à mudança

De acordo com Berstein (1986), “todo processo de cura implica mudança” (p. 109) e a atitude frente a esta mudança pode ser positiva, chamada de atitude mutante, ou negativa, nomeada de resistência à mudança. Nas situações de mudança, surgem os medos básicos: o medo da perda, correspondente a uma ansiedade depressiva, e o medo do ataque, temor frente

ao desconhecido, relacionado ao surgimento da ansiedade paranoica ou persecutória. Para Pichon-Rivière (1982), estas ansiedades atuam como obstáculos epistemofílicos, ou seja, aqueles que atrapalham a aprendizagem por meio de uma problemática afetivo-emocional, considerando a aprendizagem enquanto conceito global de aquisição de capacidades e conhecimentos, desde aqueles realizados pelo bebê até as realizadas no processo de adaptação ativa à realidade.

No grupo operativo, se fortalece o Eu dos membros do grupo principalmente através da diminuição dos medos básicos, conseguindo estabelecer uma adaptação ativa à realidade. A técnica propõe a tarefa grupal de construção de um ECRO comum, condição necessária para instrumentalizar a comunicação do grupo, implicando em um processo de aprendizagem (BERSTEIN, 1986).

1.4 Momentos da tarefa

Segundo Pichon-Rivière (1982), o grupo operativo passa por três fases ligadas ao grau de envolvimento de seus membros no desenvolvimento da tarefa: pré-tarefa, tarefa e projeto. Na pré-tarefa pode-se observar a dissociação do pensar, sentir e atuar, podendo encontrar uma ampla variedade de técnicas defensivas com o objetivo de evitar a realização do trabalho.

A tarefa consiste na elaboração das ansiedades e emergência da posição depressiva básica, no qual o objeto do conhecimento se torna penetrável pela ruptura dos estereótipos que funcionava como um obstáculo do aprendizado da realidade. Dessa forma, o sujeito modifica sua atitude em relação à tarefa, em um movimento que direciona o grupo do implícito para o explícito (PICHON-RIVIÈRE, 1982). Castanho (2007) afirma esta elaboração psíquica é o aspecto propriamente terapêutico do grupo operativo, no sentido de promoção de saúde mental, sendo disparada pela tarefa proposta ao grupo. Entretanto, se a dissociação entre o sentir, o pensar e o fazer continuam presentes, pode-se realizar a tarefa explicitamente proposta sem a elaboração psíquica. Contudo, Pichon-Rivière (1982) salienta que o grupo pode ser considerado em tarefa quando as tarefas implícita e explícita estiverem em andamento.

Durante o projeto, o grupo pode propor objetivos e planejar o futuro; e cada membro do grupo se encontra melhor adaptado à realidade com a qual interage, funcionando com originalidade. Nesta fase, o interjogo dos papéis ocorre com maior intensidade (PICHON-RIVIÈRE, 1982; SILVA; VILLANI, 2009).

2. PEQUENA MISS SUNSHINE: SINOPSE E PERSONAGENS

“Pequena Miss Sunshine” é um filme norte-americano de 2006 que retrata a história de uma família em conflito, na qual cada membro possui seus próprios problemas e peculiaridades, mas que decide deixar suas diferenças de lado para levar a filha caçula, Olive (Abigail Breslin), de 9 anos, para um concurso de beleza para pré-adolescentes. Richard (Greg Kinnear), o pai que vende um programa motivacional de 9 passos para se tornar um vencedor com o qual não tem êxito; Sheryl (Toni Collette), a mãe que trabalha fora e realiza os serviços domésticos e que valoriza a honestidade, mas desmente seu compulsivo hábito de fumar cigarros; Frank (Steve Carell), o tio que é professor universitário e afirma ser o maior estudioso de Marcel Proust que recentemente tentou o suicídio; Dwayne (Paul Dano), o irmão mais velho, seguidor da filosofia de Friedrich Nietzsche, que desejando se tornar piloto da Força Aérea fez um “voto de silêncio” até conseguir ingressar na escola de pilotos; e Edwin (Alan Arkin), o avô paterno que ensaia a menina para o concurso todos os dias e foi expulso da casa de repouso por usar heroína, se juntam à Olive para atravessar o país e realizar o sonho desta de se tornar uma miss.

Durante um jantar em família, Olive recebe a notícia que foi classificada para participar do concurso “A Pequena Miss Sunshine”, no sul da Califórnia. A viagem é muito cara para ser feita de avião, então os Hoover acabam indo na velha Kombi amarela e enferrujada de Richard. A família inteira parte na viagem de 3 dias do Novo México até a Califórnia, pois Sheryl tem medo que Frank tente suicídio novamente, vovô Edwin quer ir já que foi ele quem coreografou Olive, Richard é o único que sabe dirigir a Kombi e Dwayne não pode ficar sozinho em casa.

3. O PROCESSO GRUPAL DA FAMÍLIA HOOVER

Partindo da definição de Bleger sobre o *grupo operativo*, pode-se considerar que a família Hoover se torna um grupo operativo, pois seu objetivo em comum era viajar até a Califórnia para o concurso A Pequena Miss Sunshine. A tarefa comum, de levar Olive até o concurso a tempo, esteve claramente dividida nos momentos da tarefa.

A *pré-tarefa*, que ocorre quando o grupo está em dissociação com o pensar, sentir e atuar, aconteceu durante os conflitos para decidir quem iria na viagem e os conflitos entre os membros durante o início da viagem, pois a família Hoover não estava de fato, unida em prol da realização da tarefa, embora as identificadas técnicas para evitar o início da tarefa tenha sido identificados apenas neste primeiro momento, em que Sheryl precisa apelar para um acordo com Dwayne para que este decida ir também.

A passagem da pré-tarefa para a tarefa não possui um momento bem definido no filme em questão, mas pode-se perceber que ela ocorre através gradativamente, na medida em que a velha Kombi começa a dar defeitos. Como é final de semana e o automóvel, muito velho, as peças para fazer o reparo iriam chegar apenas no meio da semana seguinte, de modo que Richard e Sheryl decidem prosseguir viagem assim mesmo. A cena em que todos precisam empurrar a Kombi para sair da oficina mecânica e voltar à estrada mostra que algum grau de comprometimento com a tarefa está presente em toda a família.

Depois de algum tempo de viagem, enfrentando muitas dificuldades, o vovô Edwin morre no hotel em que a família Hoover passa a noite. Ele é levado para o hospital local, mas não há mais nada que os médicos possam fazer. Preencher toda a papelada e aguardar os preparativos fúnebres levaria muito tempo e Olive não chegaria a tempo para realizar sua inscrição. Surge o grande dilema: deixar o vovô para trás, ir até o concurso e depois voltar para pegá-lo ou ficar e atender as questões burocráticas? A assistente social deixa excepcionalmente claro que a primeira destas não é uma opção. Richard decide então roubar o corpo de seu pai, continuar a viagem até o Pequena Miss Sunshine e lá fazer os preparativos, pois foi o vovô Edwin que ensaiava Olive diariamente para esta apresentação. Esta passagem explicita que o grupo está em *tarefa*, já que as ansiedades e a resistência à mudança foram elaboradas e o ECRO do grupo está sendo continuamente revisto, questionado e atualizado, reestruturando a tarefa em termos de tempo e espaço, para garantir que ela seja cumprida.

Quando se decide que Olive está banida para sempre dos concursos de beleza do estado da Califórnia devido à coreografia ensinada pelo vovô Edwin e à “bagunça” que os Hoover aprontam durante esta apresentação, em que toda a família sobe ao palco para dançar com ela mesmo que os jurados tentem tirá-la de lá, a família recebe este comunicado de um policial. Diante disso, Frank diz: “Acho que podemos viver com isso” e todos sorriem. Nesta cena, podemos perceber o *projeto* emergindo da tarefa, pois a família Hoover se permite um planejamento para o futuro, mesmo que o filme não explicita qual. E neste ponto, há um distanciamento da teoria, pois mesmo que a tarefa tenha chegado ao fim e o grupo tenha se dado conta disso, a separação do grupo decorrente deste encerramento não é perceptível para esse caso, uma vez que o grupo é uma família que se tornou mais coesa com a realização da tarefa.

O caráter terapêutico dos grupos operativos está presente, mesmo que não seja a finalidade a priori do grupo, através da superação dos obstáculos para a realização da tarefa, ou seja, depois de todas as dificuldades enfrentadas ao longo da viagem, uma vez que os Hoover se tornam mais coesos enquanto grupo/família, como pode ser notado no momento da

apresentação da coreografia de Olive no concurso, pois todos dançam para ajudá-la a tentar realizar seu sonho. Enquanto indivíduo, cada membro do grupo também realizou aprendizados durante o desempenho da tarefa, confrontando seus próprios desejos e medos em momentos particulares do filme. E se pode notar uma maior flexibilidade, uma ruptura de estereótipos e fortalecimento do Eu em cada pessoa da família.

Os papéis exercidos circularam entre alguns membros da família, embora Dwayne tenha desempenhado o maior número deles. O *porta-voz* surge a partir da necessidade de denunciar um acontecimento relacionado a uma situação grupal, e é Dwayne quem principalmente faz esta denúncia de duas formas diferentes, através do seu voto de silêncio e aos berros, ao descobrir que é daltônico e que portanto nunca poderia ser um piloto. A necessidade do grito para se expressar depois de tanto tempo sem usar a voz salienta o que não estava sendo percebido pela família enquanto grupo e que estava interferindo na sua dinâmica.

O papel de *bode expiatório* é por vezes desempenhado pelo vovô Edwin e por Frank, pois ao não serem ouvidos quando apontam as falhas do grupo, verbalmente ou não, se tornaram alvos de sutis ataques hostis vindos de Richard. A *liderança* desempenhada por Richard ora assumiu características autocráticas, ora democráticas, mas ao longo da história, com o desenvolvimento da tarefa e dos próprios membros do grupo, sua liderança assume um caráter mais estável e democrático.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio teve como objetivo abordar algumas das contribuições da teoria dos grupos operativos proposta por Pichon-Rivière através de um diálogo com a obra cinematográfica “Pequena Miss Sunshine”, realizando um recorte que buscou identificar o processo grupal neste filme, bem como os momentos da tarefa. O filme ilustrou os conceitos de grupo operativo, de pré-tarefa, tarefa e projeto, e de papéis, como o de porta-voz, líder e bode expiatório.

Algumas limitações em relação à teoria foram encontradas, mas estas dizem respeito à particularidade do grupo em questão, que como uma família, não se desfaz com a conclusão da tarefa. Também se tornou claro o caráter terapêutico do grupo operativo nesta família na medida em que os membros do grupo se tornaram mais flexíveis a partir uma ruptura de estereótipos e fortalecimento do Eu, bem como na dissolução de conflitos existentes entre os integrantes do grupo/família.

REFERÊNCIAS

- BERNSTEIN, M. Contribuições de Pichon-Rivière à psicoterapia de grupo. In: OSÓRIO, L. C. *et al.* **Grupoterapia hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986, p. 108-132.
- BLEGER, J. Grupos operativos no ensino. In: BLEGER, José. **Temas de psicologia: entrevista e grupos**. São Paulo: Martins Fontes, 1980, p. 53-82.
- CASTANHO, P. C. G. O momento da tarefa no grupo: aspectos psicanalíticos e psicossociais. **Revista da SPAGESP – Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais de São Paulo**, Ribeirão Preto, vol. 8, n. 2, 13-22, jul-dez.2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v8n2/v8n2a03.pdf>. Acesso em 24 jul. 2012.
- DAYTON, J.; FARIS, V. (Diretores). **Pequena Miss Sunshine** [DVD]. Estados Unidos: Fox Searchlight Pictures, 2006.
- FERNANDES, W. J. A importância dos grupos hoje. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 4, p. 83-91, dez. 2003. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702003000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 27 jul. 2012.
- PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- PORTARRIEU, M. L. B.; TUBERT-OKLANDER, J. Grupos operativos. In: OSÓRIO, L. C. *et al.* **Grupoterapia hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986, p. 135-141.
- SAIDÓN, O. I. O grupo operativo de Pichon-Rivière – Guia terminológico para a construção de uma teoria crítica dos grupos operativos. In: Baremlitt, Gregório. **Grupos: Teoria e Técnica**. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 169-202.
- SILVA, G. S. F.; VILLANI, A. Grupos de aprendizagem nas aulas de física: as interações entre professor e alunos. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 15, n. 1, 2009, 21-46. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/WPvbtKvmjPNdmydfMgmCwKH/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 27 jul. 2012.